

LEITURA LITERÁRIA COM BEBÊS: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS NOS BERÇÁRIOS DA CRECHE

Autora: Maria Rosana do Rêgo e Silva; Orientadora: Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPGE/UFJF,
m.rosanarego@hotmail.com; anarosamaio@uol.com.br

Introdução

Antônio Candido, no ensaio “Direito à literatura”, defende que a “fruição da literatura e da arte em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p. 193). também se constitui como um fator indispensável de humanização, necessidade de equilíbrio do homem e da sociedade, devendo, portanto, fazer parte dos direitos humanos.

Entendemos que ler para e com bebês e crianças, proporcionando acesso aos livros, se constitui numa forma de inseri-las no processo de formação leitora. Ler para e com bebês, também, garante a oferta de experiências fundamentais para sua constituição humana. Nesse sentido, não se trata de antecipar processos de alfabetização, nem preparar ou determinar o adulto que virá a ser. A experiência literária, nessa faixa etária, promove “a inserção em uma prática sociocultural constituidora das subjetividades contemporâneas letradas e como possibilidade criativa de vida” (BARBOSA, 2014, p. VIII).

Esta pesquisa em andamento tem como principal objetivo compreender como ocorrem as práticas de leitura literária para e com os bebês nos berçários de uma creche municipal de Juiz de Fora, MG.

Metodologia

Para realizar este estudo elegemos como referencial teórico-metodológico a abordagem histórico-cultural, de Lev Vigotski, que tem como base o materialismo histórico-dialético. Nessa perspectiva dialética, o ser humano é um ser histórico, ou seja, sua condição é condicionada pelo espaço e época histórica em que vive.

Vigotski (1984, p. 74) defende que “[...] estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético”. Corroborando com esse pensamento Freitas (2003, p. 27) advoga que “[...] não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento”. Nesse sentido, a metodologia tem como propósito desvelar a natureza e a origem do fenômeno estudado, considerando seu desenvolvimento histórico e os processos de mudança.

Como procedimento metodológico, elegemos a pesquisa colaborativa, com viés interventivo, criando um contexto de formação em serviço. Importante destacar que, na perspectiva de pesquisa adotada, a palavra intervenção é entendida como “mudança no processo”, ‘transformação’, ‘re-significação dos pesquisados e do pesquisado’, ‘ação mediada’, compreensão ativa” (FREITAS, 2010, p. 19), alinhado, desse modo, aos princípios da pesquisa colaborativa.

Os dados estão sendo gerados a partir da observação participante, realizada semanalmente, durante três horas, e a realização de entrevista semiestruturada com as professoras dos berçários.

No âmbito da intervenção, pretendemos provocar a reflexão crítica e a ação colaborativa entre professoras e pesquisadora acerca das experiências literárias proporcionadas aos bebês e às crianças pertencentes aos berçários da creche. Considerando o papel central que a professora ocupa como mediadora de leitura, pretendemos problematizar, discutir e construir coletivamente estratégias para potencializar a leitura literária.

Resultados e Discussão

É importante dizer que a creche, lócus da pesquisa, busca em suas práticas pedagógicas aproximar os bebês e crianças do universo literário, com diferentes propostas. Entretanto, as observações têm revelado que as práticas de leitura literária e contação de histórias nos berçários não acontecem regularmente em todos os grupos observados. Os bebês e as crianças bem pequenas têm pouca oportunidade de manipular livremente o livro. A organização do tempo e do espaço também não favorecem o encontro desses sujeitos com o livro, nem desperta o desejo dos bebês e crianças pela leitura. Embora, na rotina dos berçários seja contemplada a visita semanal à sala de leitura, algumas professoras consideram muito difícil levar os bebês para esse espaço. Elas temem que os bebês e as crianças rasguem os livros. Assim, não foi possível observar nenhuma atividade com os bebês na biblioteca da instituição.

Como aponta Mello (2016, p. 45) “o amor aos livros, a necessidade da leitura são produtos da experiência vivida, ou seja, são aprendidos e formados socialmente”. Isso confere aos professores que atuam nos berçários da creche o papel central na organização de espaços e tempos de leitura e de acesso aos livros, já que “nos anos iniciais da vida, mais que em outras fases, dependemos da intervenção direta do outro para penetrar e viajar no universo dos signos escritos” (PERROTTI, 2015, p. 131). Na creche, a professora se constitui como esse outro que, ao pensar, planejar e organizar espaços e tempos de leitura literária e contação de histórias, pode contribuir para possibilitar o início da aprendizagem de que nos fala Mello (2016).

Segundo Baptista et al (2012) a leitura literária e o contato com os livros provoca encantamento nos bebês, que respondem com espontaneidade e de forma imediata quando vivenciam experiências de mediação literária, folheando as páginas e olhando as figuras. “O contato com os livros é uma experiência significativa e gera respostas espontâneas e imediatas, como gargalhadas, emissão de sons de espanto ou tentativas de apontar imagens e fazer sinais [...]” (BAPTISTA et al, p.301).

Colomer (2007) recorda a rapidez com que as crianças adquirem a capacidade de simbolizar. Para autora, os livros contribuem nesse processo porque possibilita que a criança perceba que as imagens e as palavras são representações do mundo real. Em curto espaço de tempo, antes dos dois anos, elas já são capazes de reconhecer os objetos desenhados nas páginas do livro. Ao explorar as imagens estáticas de um livro de literatura infantil, elas têm mais tempo para “identificar e compreender, já que os primeiros livros simplificam e fazem mais aceitáveis a imagem de um mundo exterior, que se apresenta ante os olhos dos bebês [...]” (COLOMER, 2007, p. 52). Para a autora o “acesso à linguagem escrita supõe um avanço na possibilidade de simbolizar a realidade. A progressiva aparição do texto nos livros infantis oferece um bom andaime para a aprendizagem da leitura [...]”(COLOMER, 2007, p.53).

O receio de que os bebês e crianças bem pequenas danifiquem os livros não pode ser empecilho

para que estes objetos culturais sejam colocados à disposição deles, para que eles possam “experimentá-lo” com todos os seus sentidos. Quando é dado ao bebê e às crianças a oportunidade de acesso ao livro, muitas descobertas podem acontecer por eles sobre este objeto, que, como nos diz Parra (2013, p. 31) [...] “necessita do contato com o ser humano para se transformar em um objeto de cultura [...] Uma experiência de cultura não se constrói da noite para o dia, é preciso tempo. Dessa forma, quando mais cedo as crianças tiverem a oportunidade de interagir com o livro maior a possibilidade de que este se torne um objeto cultural apreciado por ela.

Conclusões

A investigação realizada até o momento aponta para a necessidade de se realizar intervenções no contexto da formação docente a fim de ampliar e qualificar as ações de leitura literária e contação de histórias para e com os bebês.

Assim, dando continuidade ao trabalho, pretendemos realizar as sessões reflexivas no intuito de que as professoras possam refletir crítica e colaborativamente sobre suas práticas e concepções à luz do referencial teórico que embasa o estudo.

Esperamos que as discussões e reflexões realizadas possam contribuir para que as professoras reelaborem suas práticas no que diz respeito às ações de leitura para e com os bebês e as crianças na creche.

Referências:

BAPTISTA, Mônica Correia; CÂNDIDO, Flora Gomes; CALIGIOME, Priscila. **A Formação do Professor como Leitor de Literatura**: Projeto Tertúlia Literária da Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/16868293/artigos-do-18-cole-publicados-na-revista-ltp-1-parte/301>. Acesso em 25.03.2018.

BARBOSA, M. C. S. Prefácio: A leitura na creche: qual leitura? FARIA, A. L. G.; VITA, A. DE. In: **Ler com bebês**: contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani. Campinas, SP: AutoresAssociados, 2014.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2011.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: A leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2007.

FREITAS, M. T. A. **A perspectiva sócio-histórica**: uma visão humana da construção do conhecimento. In: Maria Teresa de a. Freitas; Solange Jobim e Souza; Sônia Kramer. (Org.). Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, v. 107, p. 26-38.

FREITAS, M. T. A; RAMOS, B, S (Orgs.). **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

MELLO, S. A. **LEITURA E LITERATURA NA INFÂNCIA**. In: Literatura e educação infantil: livros,

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

imagens e prática de leitura/ Cyntia Graziella Guizellim Giroto, Renata Junqueira de Souza, (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. – (Série Literatura, Leitura e Educação Infantil.

PARRA, E. C. **Os bons livros para bebês são aqueles que falam com eles, e não sobre eles.** Nova Escola. São Paulo p. 30-32. Jan/Fev. 2013. Entrevista concedida a Elisa Meirelles.

PERROTTI, Edmir. **A organização dos espaços de leitura na Educação Infantil.** In: Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações/ Monica Correia Baptista [Et al.], org. – Brasília: MEC, 2015.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente São Paulo: Martins Fontes, 1984.